

APLICABILIDADE DA ANÁLISE DE CONTEÚDO À PESQUISA EDUCACIONAL

FLÁVIA MARIA SANT'ANNA
Profa. Adjunto, Dep. de Ens. e Curr.,
Fac. de Educ., UFRGS
Doutor em Educação

Resumo

Estudo sobre a análise de conteúdo, baseado nos trabalhos de Bardin (1977) e Berelson (1954), com as suas possíveis aplicações na área de educação. Apresenta-se um breve histórico do desenvolvimento da conceituação e do método de análise de conteúdo, desde as primeiras notícias sobre o assunto até a atualidade. Examinam-se as etapas do processo e as técnicas de análise de conteúdo, apresentando-se sugestões para sua aplicação no campo da educação. Conclui-se que o método pode desempenhar um papel relevante por ser de muita utilidade e fácil aplicabilidade em quase todas, senão todas as modalidades de pesquisa educacional.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa educacional tem, continuamente, recebido suportes metodológicos de outras áreas de investigação, além das aplicações que realiza dos procedimentos científicos gerais, comuns a todo e qualquer setor de conhecimento.

A análise de conteúdo, que examinaremos neste trabalho, é um método de investigação criado na área da Comunicação. Embora raramente utilizado em pesquisas educacionais, em princípio, parece ser de fácil aplicação, seja devido à natureza dos fatos e fenômenos educacionais que, em grande parte, podem ser entendidos como fatos e processos de comunicação, seja pelo fato de constituírem a Educação e a Comunicação duas disciplinas afins.

Muito interessantes são alguns usos feitos da análise de conteúdo, na própria área de Comunicação. Entre esses, por exemplo, durante o período da Segunda Guerra Mundial, serviu para comparar o conteúdo de publicações, certos periódicos, analisando o grau de favorabilidade/desfavorabilidade que suas mensagens demonstraram em relação a idéias e sistemas políticos (Estados Unidos e Rússia).

Em educação, alguns autores como Kahn & Weiss (1973) enfatizam a novidade do método, bem como a importância de seu uso em investigação no setor educacional.

No desenvolvimento deste trabalho, tomaremos como base fundamental os estudos de Bardin (1977) e o de Berelson (1954) de vez que, a nosso ver,

são os mais completos sobre o assunto, existentes na literatura que conhecemos.

Iniciaremos por um breve histórico, passando ao exame do conceito sobre **análise de conteúdo**, do processo e das técnicas, para, ao final, examinar possíveis aplicações à área educacional.

2 HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo, como prática não formalizada, foi desenvolvida desde períodos ancestrais, quando os antigos interpretavam os textos sagrados. Foi esta arte denominada hermenêutica. No entanto, a sistematização do método só ocorreu em 1926, nos Estados Unidos, quando estudantes de jornalismo da Universidade de Colúmbia começaram a estudar o conteúdo de jornais, inventariando diversos títulos e manchetes, medindo o grau de sensacionalismo dos artigos, etc. Também na área da literatura foi utilizado, aproximadamente na mesma época, para analisar os vários estilos de prosa e poesia.

A primeira obra sobre o assunto apareceu em 1927, escrita por Harold Lasswell que a denominou "Propaganda Técnica na Guerra Mundial". O autor relatava análises de periódicos e propagandas, que vinha realizando desde 1915. Após este período, a cada dez anos, avolumaram-se trabalhos com análise de conteúdo não só em quantidade, como em abrangência de outros setores de conhecimento. Em psicologia, foi publicado um estudo de Baldwin (1942) sobre a análise da estrutura da personalidade. Em literatura foi feita análise em 1947, por White, de um romance autobiográfico (Black Boy, de R. Wright). Em lingüística, Pool e Yacobson participam do trabalho "The language of Politics: studies in quantitative semantics" editado por Lasswell e outros em 1949, e assim muitos outros.

Do ponto de vista metodológico, houve grande impulso na década de 40-50, quando Berelson & Lazarsfeld em 1948, estabeleceram, de modo sistemático, as regras de análise, numa publicação denominada "The analysis of communications content", editada pelas Universidades de Colúmbia e Chicago.

Atualmente é grande a disseminação das técnicas de análise de conteúdo, em todas as ciências chamadas comportamentais.

Também a conceituação de "análise de conteúdo" evoluiu desde o conceito simples de Berelson & Lazarsfeld (1948), que a entenderam inicialmente como uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação, até a conceituação ampla e complexa de Bardin (1977), que passaremos a examinar.

Bardin (p 43) entende a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise de comunicações que visa, por procedimentos sistemáticos e precisos de descrição do conteúdo de mensagens, a obter índices e indicadores, permitindo inferências relativas às condições de produção/recepção dessas mensagens.

Enquanto conjunto de técnicas ou procedimentos sistemáticos e preci-

cisos é um método: (1) empírico de descrição analítica e (2) de interpretação inferencial.

(1) A descrição analítica ou tratamento descritivo envolve a redefinição codificada de mensagens, quer sejam verbais ou não. Os tipos de descrição, por classificação ou ordenação, variam conforme a natureza da mensagem e os propósitos do investigador. Neste sentido, temos o próprio objeto que vai ser submetido à análise ou, em outros termos, o material a ser analisado, considerado como mensagem. São exemplos de materiais:

- a) registros descritivos de entrevistas não-dirigidas;
- b) textos (livros escolares, literários, científicos, etc.);
- c) anúncios (jornais, revistas, etc.);
- d) discursos (comportamentos verbais);
- e) rotinas de trabalho;
- f) chamadas telefônicas;
- g) sinalizações, gráficos, diagramas, etc.;
- h) repertório semântico ou sintaxe de base de setores publicitários ou similares;
- i) instrumentais do cotidiano (moda, planos, etc.);

Em síntese, poderíamos dizer que todo o conteúdo da comunicação-aquilo que é transmitido através de símbolos verbais, pictóricos, plásticos, expressivos - pode ser estudado como material ou objeto da análise de conteúdo.

A descrição analítica do material ou conteúdo é realizado tanto quantitativa como qualitativamente. A análise quantitativa é a que tem por propósitos constatar a frequência de ocorrências, enquanto a qualitativa se atém a constatar simplesmente a presença ou a existência de ocorrências ou características, tomadas como indicadores não freqüenciais. Em geral, com a primeira se obtém resultados por procedimentos estatísticos, sendo a percentagem e a análise fatorial os mais usados. A análise qualitativa se efetiva por procedimentos de caráter mais intuitivo ou relacional.

(2) A análise de conteúdo é um método de interpretação inferencial, ou interpretação baseada em inferências, de vez que ao descrever analiticamente uma mensagem (o conteúdo ou material), o investigador tenta ir além ou saber mais acerca do conteúdo manifesto.

Conforme o objeto da mensagem, ou tipo de material (textos, gravuras, diálogos, esquemas, quadros, etc.) e os objetivos do investigador são estabelecidos índices e indicadores, que facilitam a descoberta de condições de produção, emissão e recepção da mensagem. Tal descoberta é chamada de **inferência** - processo intermediário que parte da descrição, para chegar à interpretação. Diz respeito às causas ou aos efeitos do conteúdo descrito. Em geral, inferências são retiradas acerca:

- a) da fonte da mensagem (produtor e/ou emissor da mensagem) e suas condições;
- b) dos destinatários da comunicação, sua situação e estados;
- c) das mensagens (conteúdo, propriamente).

Como diz Bardin (p. 41), o processo da inferência, com base em índices e indicadores, é freqüente na prática científica. Por exemplo, a partir de sinais, sintomas e indicadores, o médico faz diagnósticos e prognósticos do estado de saúde ou doença de seu paciente.

A compreensão do conceito complexo que estamos a examinar, provavelmente, será facilitada pela apresentação do processo, que faremos a seguir.

3 O PROCESSO E AS TÉCNICAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

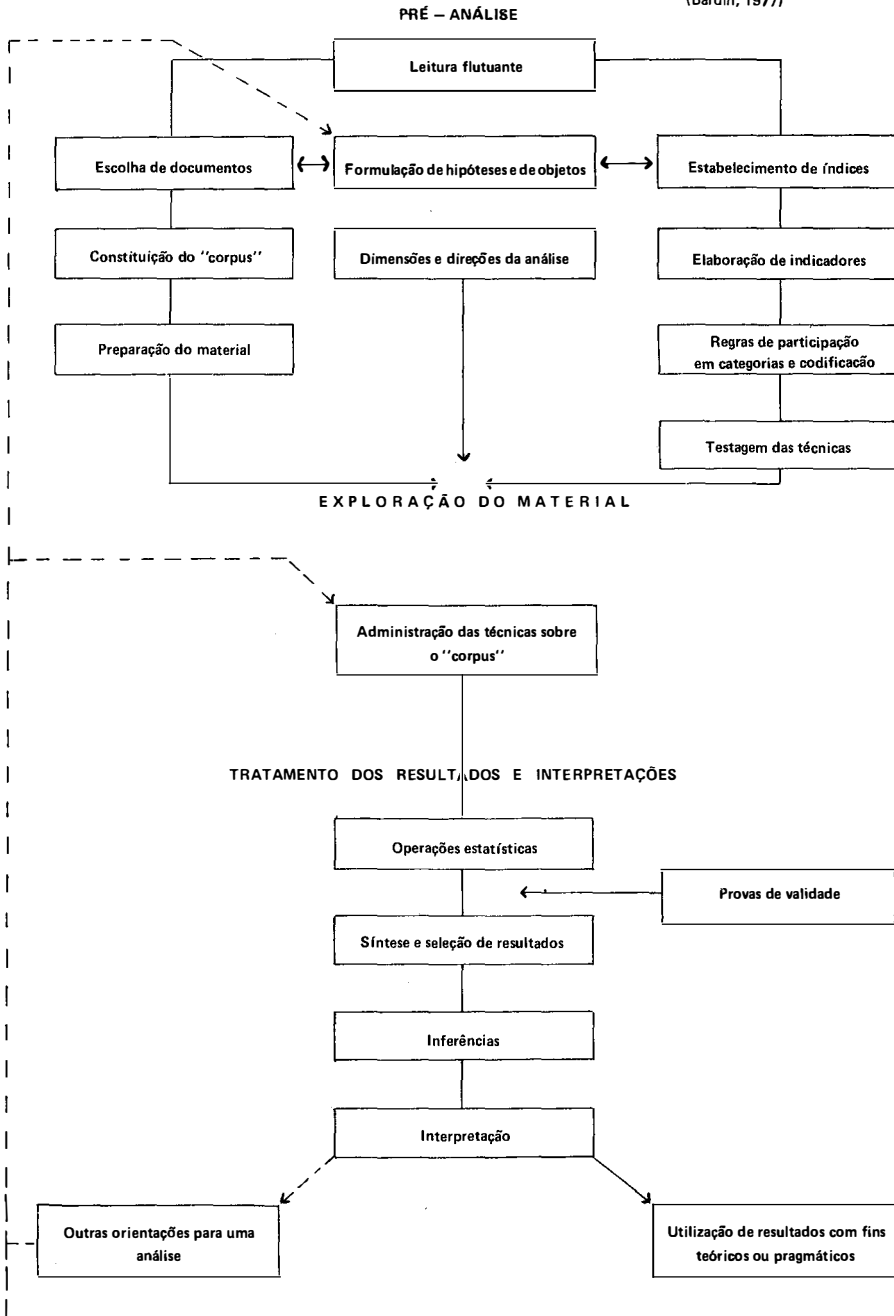
Bardin (p. 101) representa o processo da análise de conteúdo em três grandes etapas, envolvendo procedimentos gerais diversificados. As três grandes etapas são:

- a) pré-análise;
- b) exploração do material e
- c) tratamento de resultados e interpretação.

As etapas são desenvolvidas conforme o diagrama a seguir, embora com as interpenetrações dos procedimentos, as quais são comuns a todo e qualquer processo de investigação.

Desenvolvimento de uma análise de conteúdo

(Bardin, 1977)



É evidente que temos de entender o desenvolvimento dessas etapas em função de um plano ou projeto completo de investigação. Podemos, então, supor que o investigador tenha já formulado precisa e explicitamente seu problema e possua um referencial teórico consistente sobre o mesmo e sobre a metodologia que vai empregar, de vez que a análise de conteúdo é somente um método e como tal está inserido nesse plano maior. Também, suponhamos que o investigador já possua uma série de materiais que podem constituir o objeto da análise.

Inicia-se, nas condições apontadas, a fase de **pré-análise**, constituída de vários passos ou procedimentos. Em primeiro lugar ocorre a "leitura flutuante" que, por um lado, determina a escolha de documentos, para a constituição de um "corpus". Esta escolha, entre um universo de documentos, é feita com base em critérios, como:

a) **exaustividade**, o material selecionado deve abranger todos os elementos necessários, nenhum pode ser deixado de lado. Por exemplo, se temos uma investigação sobre revistas de moda "pop", todas as revistas que apresentam estas características devem ser listadas;

b) **representatividade**, que diz respeito à amostragem, quando o material é por demais extenso e heterogêneo. O investigador nem sempre necessita trabalhar com todo o universo e seleciona os documentos que são realmente representativos;

c) **homogeneidade**, isto é, os documentos devem ser escolhidos com base nas mesmas técnicas;

d) **pertinência**, isto é, os documentos ou materiais necessitam conter a informação necessária, para testar as hipóteses ou solucionar o problema.

Por outro lado, a escolha dos índices e dos indicadores também está relacionada à formulação de objetivos e hipóteses. Índices, para Bardin (p. 98) são menções explícitas de relações entre propriedades, características, valores, etc., que permitem categorizar ou classificar, por exemplo o índice alfabético. Indicadores podem ser índices quantitativos, por exemplo: supondo-se que a emoção se manifeste, numa entrevista terapêutica, por meio da perturbação da palavra, os índices (frases interrompidas, repetições, etc.) e sua frequência podem servir de indicadores dos estados emocionais que se deseja compreender. Entre outros, podemos ter como índices:

- a) unidades léxicas;
- b) co-ocorrências léxicas;
- c) estruturas sintáticas;
- d) características formais;
- e) características vocais;
- f) pausas, erros;
- g) expressões corporais, posturas;
- h) valores.

À esta primeira fase, essencialmente de tomada de decisões com base em informações relevantes, segue-se a fase de **exploração de material**, que consiste na execução das decisões tomadas. É uma fase longa e exaustiva.

Nesta fase, ocorre inicialmente a codificação ou caracterização dos documentos segundo um sistema determinado. É importante ainda considerar as unidades de registro, para a enumeração ou decodificação dos materiais. Constituem unidades de registro:

- a) a palavra ou a frase;
- b) objeto;
- c) o tema;
- d) personagem;
- e) a ocorrência;
- f) o documento;
- g) a unidade de contexto

Depois de os materiais decodificados, numa partição em unidades, passamos à sua categorização. É esta uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e após o reagrupamento por gênero, com base em critérios definidos anteriormente (Bardin, p. 118).

A terceira fase, ou a **fase de tratamento dos resultados e interpretação**, abrange aqueles procedimentos de investigação comuns à pesquisa: aplicam-se os métodos ou testes estatísticos adequados, analisam-se os resultados, fazem-se as inferências com bases nestes resultados e interpretações ou conclusões fundamentadas nas inferências. No entanto, em função da própria natureza da análise de conteúdo, algumas peculiaridades podem ser discriminadas no processo de inferência, relativas a pólos de inferência e tipos de inferências.

Podem ser considerados pólos de inferência:

- a) o emissor;
- b) o recebedor;
- c) a mensagem;
- d) o código;
- e) a significação e
- f) o meio.

Dois são os tipos principais de inferência: **inferências específicas**, quando se tratam de indicadores (análise quantitativa), e **inferências gerais**, quando se tratam de índices (análise qualitativa).

Muitas das operações de análise de conteúdo podem ser processadas por computador, como por exemplo:

- a) para o tratamento do texto (decodificação e categorização) e
- b) para o tratamento dos dados numéricos (análise fatorial).

4 USOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO EM PESQUISAS EDUCACIONAIS

Além das indicações já apresentadas em trabalho anterior, no qual apontávamos a importância da análise de conteúdo em educação (Sant'Anna, 1976) quando se trata de resolver questões relacionadas à prognose e diagnose, podemos ainda examinar sua aplicabilidade em dois sentidos: (1) quanto ao uso de técnicas de análise de conteúdo já existentes e (2) quanto às características do conteúdo, suas causas e conseqüências.

(1) Quanto às **técnicas já existentes**, podemos fazer indicações sumárias, como:

a) **análise de categorias** que é facilmente aplicável ao tratamento de registros de interação social do grupo na sala de aula, com vistas à identificação de padrões de comportamento verbal (Os trabalhos de Bellack, por ex.);

b) **análise de asserção avaliativa** (EAA de Osgood, Saporta e Nunnaly), quando se trata de variáveis afetivas, como interesses, atitudes, valores, tendências, etc.;

c) **análise de enunciação** (organização formal de discurso e recuperação de elementos formais atípicos), mais adequada a problemas de ordem psicoanalítica e a problemas de linguagem e lingüística;

d) **análise de expressões** que envolve mais precisamente técnicas de pesquisa da autenticidade de um documento (literário, histórico), de psicoterapia e psicologia clínica e é aplicável também a discursos políticos;

e) **análise de relações** é aplicável basicamente à lingüística e à sociologia, mas também pode ser utilizada para exame de técnicas pedagógicas como o sociograma, o "roleplaying", etc.;

f) **análise de discurso**, aplicável quando há interesse em identificar a correspondência entre o exterior e o discurso bem como entre as condições de produção e o processo de produção. Seria aplicável a uma sociologia da escola e da sala de aula.

(2) Quanto às **características do conteúdo**, empregando colocações de Berelson (1954), poderíamos ter o quadro que segue, com algumas **sugestões** nossas, para a realização de pesquisa educacional.

Uso da análise de conteúdo e aplicabilidade

Características do conteúdo (substância)	Sugestões Pesquisa educacional
1. descrever tendências no conteúdo da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> . Estudos comparativos de currículos e planos, em épocas e espaços diferentes . Estudos históricos
2. traçar o desenvolvimento acadêmico	<ul style="list-style-type: none"> . Estudos sobre áreas específicas do conhecimento . Análise de matérias curriculares ou instrucionais
3. detectar diferenças internacionais em conteúdo das comunicações	<ul style="list-style-type: none"> . Estudos inter-culturais
4. comparar recursos (mídia) ou níveis de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> . Estudos sobre tecnologia educacional e recursos . Análise de diferenças e semelhanças entre conteúdos desenvolvidos
5. examinar o conteúdo da comunicação em relação aos objetivos	<ul style="list-style-type: none"> . Estudos exploratórios ou correlacionais sobre adequação objetivo/meios
6. construir e aplicar padrões de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> . Pesquisas de avaliação de desempenho, de materiais curriculares, planos, etc.
7. auxiliar em operações técnicas de pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> . Classificação . Pesquisas sobre interação e comportamento verbal

Forma	Sugestões
8. explicar técnicas de propaganda	. Pesquisa sobre influência em valores, atitudes, etc. de revistas educacionais ou autores.
9. medir "readaptações"	. Estudo de materiais impressos (livros-texto, textos, etc.)
10. descobrir estilos literários	—
Produtos de conteúdo	Sugestões
11. identificar as intenções e outras características dos produtores e emissores	. Estudos sobre materiais impressos; sobre registro de comportamento verbal na escola, sala de aula, etc.
Recebedores de mensagens	Sugestões
12. refletir atitudes, interesses e valores de grupos da população	. Investigações envolvendo variáveis afetivas
Efeitos do conteúdo	Sugestões
13. revelar focos de atenção	. Estudos sobre a organização e a ordem seqüencial de conteúdos das matérias de ensino ou do currículo . Investigação no sistema educacional
14. descrever respostas (componentes comportamentais e de atitudes) à comunicação	. Estudos correlacionais e experimentais sobre métodos, estilos e modalidades de comunicação

Como se depreende facilmente, a análise de conteúdo pode desempenhar um papel relevante, ser de muita utilidade e fácil aplicabilidade, em quase todas, senão todas, as modalidades de pesquisa educacional. No dizer de Berelson, já em 1954, a análise de conteúdo havia favorecido a produção de uma série de estudos, que combinavam idéias originais com documentação cuidadosa, sendo esta, naturalmente, o núcleo do processo. Como método, é natural que não tenha efeitos mágicos e não possa substituir boas idéias nem outras qualidades, que são esperadas do próprio pesquisador.

Finalmente, pretendendo que nosso trabalho seja útil a pesquisadores em educação, informamos ainda que no livro de Bardin, já mencionado, encontra-se uma bibliografia completa sobre o assunto.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BALDWIN, A. L. Personal structure analysis: a statistical method for investigating the single personality. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, Washington, **37**, 1942. Apud BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
2. BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
3. BERELSON, Bernard. Content analysis. In: LINDZEY, G., ed. **Handbook of social psychology**. Cambridge, Mass., Addison-Wesley, 1954. p. 488-518.
4. BERELSON, Bernard & LAZARSELD, P. F. **The analysis of communications content**. Chicago, University of Chicago; New York, Colúmbia University, 1948. Apud BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
5. KAHN, S. B. & WEISS, Joe]. The teaching of affective responses. In: TRAVERS, Robert M. V., ed. **Handbook of research on teaching**. Chicago, Rand McNally, 1973 p. 759-804.
6. LASSWELL, Harold D. **Propaganda technique in the world war**. New York, Knopf, 1927. Apud BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
7. LASSWELL, Harold D. et alii, ed. **The language of politics: studies in quantitative semantics**. New York, G. Stewart, 1949. Apud BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.

8. SANT'ANNA, Flávia Maria. **O processo ensino-aprendizagem na perspectiva humanística**. Porto Alegre, EMMA, 1976.
9. WHITE, R. K. Black Boy: a value-analysis. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, Washington, **42**, 1947. Apud BARDIN, Laurence. **L'analyse de contenu**. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.

Abstract

Study concerning content analysis based on the works of Bardin (1977) and Berelson (1954) with possible applications in education. It presents a brief history of the conceptual development and methodology of content analysis from its early stages to the present. Examining the stages of the process and the techniques of content analysis as well as suggestions on how to apply in the field of education. It was concluded that the method is relevant since it is very useful and is simple to apply in many educational research models.